

literatura brasileira em cena

Margarida Patriota

EU SOU MARABÁ

vida e obra do poeta Gonçalves Dias

BRASIL NEGREIRO

quadros literários da escravidão
Macedo / Castro Alves

EDITORA



UnB

Equipe editorial
Rejane de Meneses · *Supervisão editorial*
Yana Palankof · *Acompanhamento editorial*
Jupira Correa · *Preparação de originais*
Elizabete Araújo e Valdineia P. da Silva · *Revisão*
Anderson Moreira Lima · *Projeto gráfico e capa*
Fernando M. das Neves · *Editoração eletrônica*
Elmano Rodrigues Pinheiro · *Supervisão gráfica*
Dalton Camargos · *Fotos da capa e do miolo*

Copyright © 2004 by Margarida Patriota

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS Q.2 – Bloco C – nº 78
Ed. OK – 2º andar
70300-500 – Brasília-DF
tel: (0xx61) 226 6874
fax: (0xx61) 225 5611
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação
poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Patriota, Margarida
P314 Eu sou marabá – vida e obra do poeta Gonçalves Dias
& Brasil negreiro – quadros literários da escravidão :
literatura brasileira em cena. / Margarida Patriota. –
Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2004.
108 p.

ISBN: 85-230-0760-1

1. Literatura brasileira. 2. História da literatura.
3. Teatro. I. Dias, Gonçalves Antônio. II. Título.

CDU 869.0(81)

Agradecimentos

Fundo da Arte e da Cultura do Distrito Federal

TV Senado – Marilena Chiarelli

Instituto Camões da Embaixada de Portugal

Introdução

A série *Literatura Brasileira em Cena* busca revitalizar junto ao público em geral – professores e alunos universitários e do Ensino Médio, em particular – textos e temas fundadores da Literatura Brasileira e de sua herança cultural, sob forma de roteiros dramáticos, ou aulas-recitais, para apresentação cênica.

As aulas-recitais do presente volume foram encenadas com apoio do **Fundo da Arte e da Cultura do Distrito Federal**, no Instituto Camões da Embaixada de Portugal, em 5 de dezembro de 2002 (*En sou marabá*), e 26 de junho de 2003 (*Brasil negreiro*), sob direção de Rômulo Augusto; atuação de Cristiane Sobral, Similião Aurélio, Leonardo Hernandez e Edson Duavy; cenografia de Andrey Hermuche; produção e design de Konrad Malinski; figurino de Adriana Nunes; iluminação e Dalton Camargos; música de Rafaella Nepomuceno e George Lacerda.

EU SOU MARABÁ



Vida e obra do poeta
Gonçalves Dias

ATO I

CENA 1 – *Estrondo de madeira rachada contra pedras em alto mar. Gritos, alvoroço, salve-se quem puder. O navio Bois de Boulogne naufraga. Capitão e marujos o abandonam.*

Capitão: *(gritando aos membros da tripulação que escapam em botes de salvamento)* O poeta! O poeta está lá embaixo na cabine! Salvem o poeta na cabine!

Marujo 1: Não adianta! O poeta já morreu!

Capitão: Tem certeza?

Marujo 1: Tenho! Desde que a gente pôs ele no convés pra ver a costa, não comeu mais, não falou mais, não se mexeu mais!

Marujo 2: Como não? Ainda hoje vi a mão dele se mexendo... acho que está vivo...

Marujo 1: Está morto, e mais que morto, te digo!

Capitão: Salvem o poeta! Quem puder!

Palestrante: Agora é tarde, ninguém pode salvá-lo das águas que inundam o andar das cabines e sobem ao convés. Naufraga o passageiro doente, que voltava à terra natal, na esperança de não morrer sem que voltasse para lá. Cantemos a canção do exílio que ele compôs em Coimbra, aos vinte anos de idade.

CENA 2

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho à noite —*

*Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá,*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

CENA 3

Palestrante: A “canção do exílio” de Gonçalves Dias! Uma canção tão singela resume, para tantos, um país chamado Brasil! Uma canção tão singela nos dá a chave que abre, da crosta ao miolo, a vida de exílios que o autor levou.

O ano é 1864. O lugar é o Rio de Janeiro. A circunstância é grave: Gonçalves Dias, aos 41 anos, anda há muito doente e há muito querendo distância da mulher Olímpia Coriolana, com quem se casou, sem amor. Só que agora, no sentimento da morte próxima, decidiu acabar seus dias onde nasceu. *Não permita Deus que eu morra sem que eu volte para lá!* De modo que embarca, à revelia da mulher e do sogro, no navio *Apa*, rumo ao Maranhão.

As viagens do tempo são penosas, a doença é grave. Na escala do *Apa*, em Pernambuco, uma consulta ao Doutor Sarmiento convence o poeta a fugir dos trópicos, em busca dos climas temperados da Europa, se quiser sobreviver. No porto do Recife, está justamente o cargueiro francês, *Grand Condé*, de saída para Marselha. Gonçalves Dias concorda em seguir nele, se o dono do navio deixar. Pois este reluta em admitir um doente, que além de único passageiro a bordo, pode morrer em viagem, obrigando o navio a ficar de quarentena na chegada. Em todo o caso, após muita insistência, o homem acaba cedendo à condição de que o enfermo leve as provisões necessárias a seu sustento.

No *Grand Condé*, Gonçalves Dias embarca à mingua de dinheiro sem ter quem o trate, sem se despedir dos amigos nem mesmo da mulher, que podia tratar dele, decerto. Mas o poeta prefere o degredo na Sibéria a tê-la perto. A pobre até desobedeceu o pai e se largou atrás do marido, em uma patética tentativa de salvar seu casamento. Mas chega a Recife quando o Dias já vai longe para Marselha.

CENA 4

Gonçalves Dias: Grande novidade! Lá vou eu para mais um exílio na Europa. Lá vou eu, com apetite e

sono, enquanto o barco navega costeando a terra. Mas a inchação nas partes inferiores cresce. Devo ter umas 23 galinhas para meu sustento. Sopra vento, cai vento, os testículos me vão crescendo. Dia chuvoso, calmaria, amanheço com a face e o olho esquerdo inchados. Os membros inferiores continuam inchando. Só agora passamos a linha do Equador. Péssimo avanço para quem depende da rapidez da viagem para se salvar. Hoje contei, tenho só vinte galinhas, sobrando. Há dois dias ando com a parte inferior do corpo embrulhada em uma coberta, por não ter mais calças que caibam em mim. Os testículos vão a ponto de não me deixarem sentar. Dois marujos já adoeceram e um não quer tomar remédios. Suponho que se vá.

(voz de marujo gritando: Catorze galinhas!)

Restam-me só catorze galinhas. Com o balanço do navio, as garrafas de limonada gasosa têm estourado. Hoje, bebi a última, antes que também estourasse. Apesar de embarcado há vinte dias, só hoje subo ao castelo da popa.

(voz de marujo gritando: As galinhas estão brigando!)

As minhas galinhas resolveram fazer guerra dentro da capoeira. Canibalismo. Caíram todas em

cima de uma coitada, espicaçaram-lhe o rabo, donde lhe resultou a morte. Se continuam, mando cortar o pescoço a todas, e conservá-las no sal, como se faz com as marrecas no nosso Maranhão. O meu café estragou-se. Um cento de charutos do Rio teve o mesmo destino. Também não me é possível tolerar o charuto, com o hábito que tomei do fumo *caporal*. Miséria! Até fumo importamos da França e dos Estados Unidos. Deste Brasil se pode com razão dizer o que disse Byron, da Turquia: "Tudo nessa terra é divino, exceto o homem que a habita". E eu acrescento, principalmente aqueles que a governam.

(voz de marujo gritando: cinco galinhas!)

Só tenho cinco galinhas, o que é uma miséria! Continuo a emagrecer. Mas a barriga, os testículos e os joanetes não querem ceder de todo.

(voz de marujo gritando: três galinhas!)

De um barco de pesca espanhol que recolhemos em frente do Tanger, compro 24 ovos e 18 laranjas. Ontem, vento pouco. Hoje, pouco favorável. Afinal chegamos a Marselha. Só que (ironia das ironias!) estamos, sem tir-te nem guar-te, condenados à quarentena, pois morreu o marujo que adoeceu a bordo, há quase dois meses.

CENA 5

Palestrante: A quarentena do *Grand Condé* causa boa confusão. Tão logo se sabe que a medida decorreu de morte a bordo, um correspondente do *Diário do Recife*, em Paris, conclui que o morto só pode ser Gonçalves Dias e se apressa em mandar notícia ao Brasil.

(vozes de vendedores de jornal, anunciando manchetes diversas: Morreu o cantor dos índios! A dor se derrama a toda a população! Dom Pedro suspende trabalhos no Instituto Histórico! Nos templos do Senhor, celebram-se fúnebres ofícios pela alma do inspirado! Deus, em um acesso de amor ao poeta soberano, deu-lhe por berço o Equador e por túmulo o oceano!)

Gonçalves Dias: *(diante das notícias)* Ei, trata-se de minha defuntíssima pessoa! Passa fora! Que estou vivo!

CENA 6

Palestrante: Ante a falsa notícia do seu falecimento, de que se riu bastante, Gonçalves Dias ao menos viu como era amado no Brasil. Aproveitou, fez até o seu testamento literário.

Gonçalves Dias: Aí vai minha profissão de fé. O conhecimento da própria língua é sem dúvida uma grande vantagem e, escrevê-la bem, qualquer que ela seja, só é dado aos grandes engenheiros. Não há obra alguma que se recomende à imaginação sem o estilo. E isso assim foi, e é, e há de ser por séculos e séculos, porque a língua é a parte material, mas indispensável das concepções do espírito.

A nossa língua é riquíssima... mas para explicar as idéias do século, os sentimentos desta civilização, será preciso dar novo jeito à frase antiga. Bom ou mau grado, a língua tupi lançou profundíssimas raízes no português que falamos e nós não podemos nem devemos atirá-las a um canto a pretexto de que a outros parecem bárbaras e mal soantes (se isso degrada a Portugal é grande pena, mas não tem remédio.)

A minha opinião é que ainda sem o querer havemos de modificar altamente o português... e que enfim, o que é brasileiro é brasileiro, e que cuia virá a ser tão clássico como porcelana, ainda que não a achem tão bonita. Que uma coisa só fica e deve ficar eternamente respeitada – a gramática e o gênio da língua. Que se estudem muito e muito os clássicos, porque é miséria grande não saber usar das riquezas que herdamos.

Palestrante: No que o poeta esclarece que ainda está vivo, uns pensam que ele próprio armou a notícia de seu falecimento para se promover. Ganhaste “missas por esse Brasil que não foi de graça”, escreve-lhe o amigo Capanema.

CENA 7

Capanema: Missa, até mesmo de tua viúva toda pesarosa, chorando lágrimas da grossura de um feijão-cavalo. Teu sogro debaixo do mais profundo sentimento dizia aos conhecidos que Deus foi justo, porque estavas sem juízo. Agora, deixa dar-te um conselho de amigo e sério, acaba com D. Olímpia uma vez por todas, toma um passo decisivo e livra-te de mais tormentos. Ela que se supôs viúva, que continue a ser.

CENA 8

Palestrante: Pouco depois desse conselho amigo, Gonçalves Dias recebe uma carta da mulher Olímpia, a única, aliás, que existe dela.

Olímpia: Meu adorado e querido marido do coração – com esta é a quarta carta que te escrevo, po-

rêm como não tenho tido resposta alguma estou apoquentada pela incerteza em que estou, por não saber se tens recebido ou não.

Quando chega o paquete e não tenho quem me dê notícias tuas, fico como louca. Que vida tão mal vivida. Tomara já que Deus se lembre de mim, pois já me vai faltando a paciência e resignação. Já tenho sofrido demais.

Meu adorado Antônio eu te peço, se me estimas, escreve-me, eu só quero que me mandes dizer como tens passado e o que dizem os médicos da tua moléstia; e te peço não faças asneiras, faze por conservar a vida, e se eu pudesse estar ao teu lado para tratar-te, como serias tratado com tanto carinho e desvelo... porém Deus não quis que eu fosse feliz.

Que nunca me estimaste, já disso eu devia ter a certeza; porém parece incrível que tendo eu cada vez mais provas do teu indiferentismo, cada vez pareça que te estimo mais. Já é loucura da minha parte, porém não está nas minhas mãos deixar de estimar-te, se estivesse eu seria mais feliz, pois o que custa mais neste mundo é ser tratada com indiferentismo pela pessoa a quem mais estimamos. Lembra-te de mim, eu te peço, e crê-me que eu te estimo loucamente, tanto quanto é possível estimar-se neste mundo.

Que desespero em que estou, meu adorado bem, já chegou o vapor e ainda não tive quem me

desse notícias tuas. Eu te peço escrever... faze-me este favor, eu te peço, sim? Não te zangues comigo, o muito amor que te tenho é que me faz fazer o que faço, mereço desculpas. Não me deixes de escrever.

CENA 9

Palestrante: “Não me deixes!” foi o pedido que Olímpia dirigiu ao marido, desde o dia em que se casou com ele. “Não me deixes!”, por coincidência, é o poema em que Gonçalves Dias se refere à ansia com que tantas mulheres como Olímpia buscam a devoção amorosa e a ela se entregam até a perdição.

Debruçada nas águas dum regato

A flor dizia em vão

À corrente, onde bela se mirava...

– “Ai, não me deixes, não!”

Comigo fica, ou leva-me contigo

Dos mares à amplidão,

Límpido ou turvo, te amarei constante;

Mas não me deixes, não!”

E a corrente passava; novas águas

Após as outras vão.

E a flor sempre a dizer, curva na fonte:

– “Ai, não me deixes, não.”

*E das águas que fogem incessantes
À eterna sucessão,
Dizia sempre a flor, e sempre embalde:
— “Ai, não me deixes, não!”*

*Por fim desfalecida e a cor murchada
Quase a lamber o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.*

*A corrente impiedosa a flor enleia
Leva-a do seu torrão...
A afundar-se dizia a pobrezinha:
— “Não me deixaste, não!”*

ATO II

CENA 1

Palestrante: Triste história, a do casamento de Gonçalves Dias com Olímpia Coriolana da Costa. O poeta a conheceu em uma festa, pálida, desfalecida, arrastando-se a custo e, ao vê-la passar, sentiu por ela uma comiseração inexprimível. Era filha do Dr. Cláudio Luís da Costa, médico, pessoa bem vista pelo Imperador, membro do Institu-

to Histórico de onde já devia conhecer Gonçalves Dias. Razões do momento aconselhavam o poeta a casar-se. Casou-se sem amor. Olímpia era moça de educação, Gonçalves Dias acreditou que poderiam ser amigos. Não contava que a mulher quisesse ser amada, quisesse ter prioridade no coração do marido. Com poucos meses de casados, logo os desentendimentos começam e ao fim de um ano, cada um tem do outro profundas queixas.

Gonçalves Dias: Minha mulher me abafa, me abafa. Começou a suspeitar de tudo, a ter ciúmes tolos e ridículos de todas as escravas estupidadas do seu pai, quando, de fato, nem o meu procedimento nem os meus modos em casa a autorizam a isso. Dia ou noite, em cada ato meu, em qualquer teia de aranha que o vento desarranja, minha mulher descobre uma traição.

Olímpia: Sei que me evita, que ele foge de mim. Foge do convívio da família. Vive isolado no quarto, procurando, sem dúvida, uma distração no estudo. Quando eu levo um chazinho com todo o amor, ele diz que interrompo o trabalho dele só para espionar. Acho que ele me odeia. Cismou que eu já era doente do peito antes de me casar e que eu estou lhe passando a doença, que eu o contamina. Como se ele não fosse sífilítico!

Gonçalves Dias: Desde que me casei, nada pude escrever de imaginação. Estudar, muito pouco, eu, que sempre achei distração no estudo, um esquecimento de tudo o que me incomoda, agora olho estupidamente o papel ou livro, sem me ocorrer idéia alguma, sem compreender o que leio.

Olímpia: Ele quer se ver livre de mim. Desconfio até que, se minha saúde não melhora, é porque estão me envenenando e o Dias tolera, encobre o crime. Que mal paga a quem tanto o estima com tanto extremo! Parece incrível que tendo eu cada vez mais provas do seu indiferentismo, cada vez parece que o estimo mais.

Gonçalves Dias: Não terei filhos, Deus me livre dessa! Espero somente e espero com uma grande felicidade o momento em que os médicos me disserem: você não pode mais viver! Então, meto-me em um vapor, vou para o Maranhão rever o Mearim, e acabar ao menos entre amigos, sem mal-dizer a ninguém.

CENA 2

Palestrante: Olímpia prepara o leito nupcial. O Dias saiu. Vive saindo. Disse que ia ao Instituto

Histórico e voltava cedo. Mas Olímpia passa a noite em claro a esperá-lo e ele não vem.

*Por que tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.*

*Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zeloza
Com mimoso tapiz de folhas brandas
Onde o frouxo luar brinca entre flores.*

*Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silêncio da noite o bosque exala.*

*Brilha a lua no céu, brilham estrelas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo mágico respira-se
Um quebranto de amor melhor que a vida!*

*A flor que desabrocha ao romper d'alva
Um só giro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquela flor que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.*

*Sejam vales ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!*

*Meus olhos outros olhos nunca viram,
Não sentiram meus lábios outros lábios,
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
A arazóia na cinta me apertaram.*

*Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!*

*Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as folhas!*

CENA 3

Palestrante: Gonçalves Dias sempre foi doentio, com a sífilis a minar seu organismo. Olímpia, sabemos, é tísica. Enquanto casamento e lutas domésticas agravam o estado de ambos, o nascimento de uma filha não torna o casal mais unido. Logo que a

menina nasce, o avô médico a examina, detectando nela um “estado mórbido das vias aerianas que a condena à morte com antecedência: cabeça grande em desproporção com o corpo, peito achatado, grossura na coluna vertebral”. Julga-a ameaçada de raquitismo e hidrocefalia.

Gonçalves Dias: Ter filhos e suspeitar que tem um vício hereditário! Minha mulher sofre do peito. Tenho, pois, uma filha, para que amanhã – daqui a alguns meses, aos sete ou quinze anos de idade, se lhe declare a mesma enfermidade e lá se vá com Deus para os anjos, depois de lhe termos criado amor e de acostumados à sua companhia. Enfim, será o que Deus quiser, mas é certo que não posso olhar para essa pobre criatura sem dó.

Palestrante: Confirmando os temores do pai e do avô médico, a menina Joana, ou Bibi como era tratada, morre com um ano e nove meses. Nosso poeta tem agora mais um motivo de queixa contra si, contra a mulher e contra a vida. Confessa em carta a um amigo:

Gonçalves Dias: Em toda parte me aborreço, porque estou de mal com todos, e, principalmente comigo. Se eu pudesse ir agora ao Maranhão, mas eu só...

Palestrante: Quer distância da mulher, quer esquecer a filhinha morta, quer evadir-se de si mesmo. Viajar, viajar pela Europa, realizar as pesquisas históricas que sempre o interessaram, mudar, conhecer gente nova, estudar os índios, agora que já os cantou como poeta, realizar o projeto de escrever a *História dos Jesuítas no Brasil*. Quer movimento, trabalho, estudos. Suas peças de teatro – *Leonor de Mendonça*, *Beatriz Cenci*, *Patkull*, *Boabdil* não se impuseram, ao contrário dos seus três livros de cantos poéticos, que foram devorados pelo público. É poeta famoso. Tem vários poemas correndo o mundo, vertidos para o alemão, o francês, o inglês.

Gonçalves Dias: A *Revista Saturday Review*, em longo estudo, me proclama superior a Longfellow. A *Revista Española de Ambos los Mundos* me compara a Vítor Hugo e Zorilla “porém com mais ternura”. E daí? Fui eu quem sugeri ao Imperador a adoção do sistema métrico e decimal no Brasil. E daí?... Literatura no Brasil está longe de granjear meios de vida: é um vício, e quando Deus queira um vício caro. O que me vale o sustento é ser professor de Latim e História do Brasil no Imperial Colégio Dom Pedro II. O Imperador quer que eu compare o estado físico, intelectual e moral dos índios da Oceania com o estado físico, intelectual e moral dos índios do Brasil, con-

siderados uns e outros à época da descoberta, e deduzindo dessa comparação quais ofereceriam, no período considerado, melhores probabilidades à empresa da civilização. Ótimo. Já que me consagrei como o cantor dos índios, escreverei *Brasil e Oceania* e me consagrarei como pioneiro da etnografia brasileira!

Palestrante: A encomenda do Imperador, feita em 1849, é decisiva no caminho intelectual que o poeta segue. Tanto que, em 1856, o monarca o nomeia o Chefe da Seção de Etnografia da recém-criada Comissão Científica de Exploração que, com grande aparato, se organiza para estudar os recursos das províncias do Norte do Brasil. Grandes esperanças deposita o Imperador nessa Comissão e Gonçalves Dias considera uma honra ter sido escolhido para chefiá-la como etnógrafo e relatá-la. A missão vem a calhar para que se exile da vida doméstica e supere a morte da filha. Vem a calhar para que, nele, o historiador e o etnógrafo prevaleçam sobre o poeta. Viaja à França, Alemanha, Áustria, onde compra os equipamentos necessários à campanha: cefalômetros, dinamômetros, aparelhos e material fotográfico, pólvora, fuzis, mosquetões, remédios, bocais de vidro, papéis especiais para desenho, os mil apetrechos indispensáveis a uma expedição que se vai internar pelo sertão. Sim, os mais simples ins-

trumentos têm de vir da Europa, livros, inclusive. Da África virão os camelos que, habituados ao clima desértico, deverão se acimatar às longas secas do Nordeste e lá servir de meio de transporte.

Gonçalves Dias: (*Traje excursão*) Quero abarcar o mundo com as pernas para o bem da expedição. A essa superabundância de estudos e trabalho não me leva nem o amor da ciência nem o amor da glória, nem o amor de alcançar um fim que já não tenho. Tomo-os como um meio de matar ou subjugar a todo o custo o pensamento. A nossa viagem pelo interior do Brasil terá, espero em Deus, esse resultado. Matar o pensamento das coisas em que não devo pensar.

Palestrante: Com dois anos e meio de preparativos e muito dinheiro gasto, eis a Comissão Científica pronta a partir. Olímpia quer acompanhar o marido. Nem pensar. Ele a tempo a dissuade de cometer tal loucura. No mais, o estado de espírito é de otimismo. Os membros da Comissão sentem-se no centro das atenções. Nos sertões cearenses, imaginam encontrar carvão e metais preciosos, pensam realizar, com aparelhos científicos, o velho sonho dos bandeirantes, os áureos tempos de Vila Rica. Afinal, um manuscrito do início do século XIX aludia a ricas jazidas no Ceará e, desde então,

o povo crê ver riquezas flamengas ao menor caco de louça vidrada.

Gonçalves Dias: Um só dia que tenhamos de fortuna bastará para mudar a face do Brasil! Nesse estado de ânimo, eu, cantor dos índios, monto em meu camelo, distribuo outros pelos que me acompanham e saio à frente da caravana. Mas cinco léguas bastam para que não suporte a montaria e arrume outro jeito de voltar a Fortaleza. Enquanto isso, um dos ruminantes que seguiram adiante com meus guias quebra a perna e morre. Imperdoável negligência. Em Fortaleza, sou acusado de crime de camelicídio por ninguém menos que o Presidente da Província do Ceará!

Enfim, por ínvios caminhos, pouso incerto, clima insalubre, minha excursão dura sete meses. Nos míseros aldeamentos que encontro, não vejo condições de dar andamento à instrução imperial de “estudar os indígenas do Brasil em seus aspectos físico, moral e social, de modo a se ter deles um conhecimento perfeito, antes que desapareçam”. É claro que tampouco efetuo descoberta capaz de mudar a face do Brasil. Nada mais tendo a fazer no Ceará, peço licença para ir ao Norte, onde os selvagens são numerosos. Assim, aproveito e passo pelo Maranhão, visito minha mãe e talvez até me candidate a deputado...

Palestrante: Licença dada, o poeta navegará de canoa pelo rio Amazonas, pelo rio Madeira e pelo rio Negro. Habitado às comodidades urbanas, navega só, sem família, entre febres crônicas, escrófulas no pescoço, escarros de sangue, no seio de uma natureza que o impressiona. A solidão é maior, desde que cismou que Olímpia o trai. Tem-lhe horror e quando voltar ao Rio porá fim aos compromissos que o prendem à mulher. E vai pensando:

Gonçalves Dias: Sou o primeiro poeta do meu tempo, trago na sacola o manuscrito da *História dos Jesuítas no Brasil*, que só precisa ser revista e polida. Quero completar minha obra, mas não me sinto capaz, me sinto morrendo, definhando... Ah, mas o sol se põe no rio Madeira... Quem resiste a uma Cena destas? Suicídio?! Que importa? Quero tomar um banho neste lugar! Um banho de noite delirante. Ah!

*Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d' incenso!*

*Eu amo a noite taciturna e queda!
Amo a doce mudex que ela derrama,
E a fresca aragem pelas densas folhas*

Do bosque murmurando:

*Então, malgrado o véu que envolve a terra,
A vista, do que vela, enxerga mundos,
E apesar do silêncio o ouvido escuta*

Notas de etêreas harpas.

Palestrante: Navegando pelos rios Madeira, Xingu, Trombetas, Tapajós, braços gigantes do gigante Amazonas, lá vai o Dias exilando-se de casa e dos interesses literários, só pensando em concluir sua *História dos Jesuítas no Brasil* e em firmar nomeada de etnógrafo e historiador. Não sabe se concluirá obra importante nesses campos, mas, do que vê e observa na vida real dos índios da Amazônia, ao menos descobre que suas convicções de etnógrafo e de historiador estão em profunda sintonia com seu instinto poético, com o poeta que ele... foi?

Gonçalves Dias: Principiei a estudar a matéria para escrever a *História dos Jesuítas no Brasil*, o que equivale a escrever a História do Brasil. Tenho muito que estudar! Mas já me convenci de uma coisa: era por cobiça que os governadores vinham a estas terras tão remotas, onde nenhuma glória os esperava; era por cobiça que os próprios missionários deixavam

a frisa e a orla das roupetas nessas florestas sem caminhos, por que tantas privações passaram, por que sofreram tantos martírios, tomando conta desta terra por Deus e para Deus. Os índios foram vencidos, desbaratados e escravizados, quando não com as armas, por um padre da Companhia, com um crucifixo e palavras de paz, que os trazia sujeitos e cativos para definharem e morrerem em nossas plantações. Cobiça de quê, a dos jesuítas? Cobiça de poder aumentar a Companhia, cobiça de pôr um pé na América como já o tinham posto na Índia, cobiça de infiltrar-se na população nascente com o leite de sua doutrina, cobiça, enfim, de conquistar um mundo. Vejo o conquistador chegando para fim do mundo aborígine. O Piaga, na taba, pressente-o perto e, augurando calamidades, lança à tribo seu grito de alerta.

CENA 4

Piaga e Visão (no cenário, cartazes dizem: "patrimônio da humanidade", "aldeia global", "pulmão do mundo")

I

Piaga:

Ó guerreiros da Taba sagrada,

Ó guerreiros da Tribo Tupi,

*Falam deuses nos cantos do Piaga,
Ó guerreiros, meus cantos ouvi.*

*Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrível caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.*

*Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitós! que prodígios que vi!
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!*

*Eis rebenta a meus pés um fantasma,
Um fantasma d' imensa extensão;
Liso crânio repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.*

*O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro — ossos, carnes, — tremi,
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.*

*Era feio, medonha, tremendo,
Ó guerreiros, o espectro que eu vi.
Falam deuses nos cantos do Piaga,
Ó guerreiros, meus cantos ouvi!*

II

Visão: *Por que dormes, ó Piaga divino?*

Piaga: *Começou-me a Visão a falar,*

Visão: *Por que dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.*

*Tu não viste nos céus um negrume
Toda a face do sol ofuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Sons estridulos torva soltar?*

*Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?*

*E tu dormes, ó Piaga divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
E não podes augúrios cantar?!*

*Ouve o anúncio do horrendo fantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!*

III

*Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, i vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas tais monstros contém.*

*Traz embira dos cimos pendente
— brenha espessa de vários cipó —
Dessas brenhas contém vossas matas,
Tais e quais, mas com folhas; e só!*

*Negro monstro os sustenta por baixo,
Branças asas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças,
que nos aires pairando — lá vão.*

*Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... — o que vem cá buscar?*

*Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!*

*Vem trazer-vos cruexa, impiedade –
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracá.*

*Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!*

*Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.*

*Vossos denses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!*

Gonçalves Dias: Viajando pelo gigante Amazonas, pelos gigantes Madeira, Trombetas, Tapajós, Xingu, vi nossos caboclos em cueiros ou vestindo roupas de branco, falando português ou baré, e digo: não há gente como a nossa. – soldados bons como eles! Marujos excelentes! – remeiros incansáveis, e sempre falando, sempre alegres. Dóceis,

humildes ainda assim, fáceis e tratáveis! Farinha à discrição e haverá gente para tudo! Peixe seco já é uma fortuna – carne, isso vem do céu. Gente excelente! Não há melhor que o caboclo do Pará, e dentre eles sobressaem os do Uaupés. Gente pronta para o trabalho e satisfeita com qualquer coisa. Acreditam que um índio no Alto Rio Negro, remando como cristão em galé de mouro, trabalha cinco dias para ganhar uma vara de pano americano? E que destes cinco dias lhes pode resultar trabalho para mais dez ou quinze, como acontece, sem que recebam nem salário, nem canoa para o regresso, nem mesmo farinha para seu sustento, como também acontece? O conceito do bom selvagem é um conceito romântico, idealizado? Não, para mim é conceito colhido nas várzeas e igarapés amazonenses, nos morros da Serra do Jacamim, nas pedras do Madadá, no lago do Mururu, na ilha do Quiabetê. E se algo cantei há dez anos, que ainda hoje cantaria é:

*No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos – cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.*

*São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!*

Nossos indígenas têm vícios, defeitos, mas também as qualidades e virtudes de um povo primitivo. São ricos de tradições e de coragem. São imprevidentes, resignados e heróicos ao mesmo tempo. Prisioneiros, blasonam com incrível audácia e petulância de suas passadas proezas.

*Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci,
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi.*

*Da tribo pujante,
que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.*

Bons aliados, teimosos e relutantes na adversidade, os índios são irreconciliáveis nas suas inimizades. Tal é o amor pela independência que desprezam a vida sem a liberdade. Consideram, sim, o mais guerreiro o mais digno de louvor e de estima, reservam os prêmios da vida futura aos que sabem afrontar a morte, as privações e o trabalho com indomável bravura. Tu choraste em presença da morte? Não, não inventei nada disso. Maldito o guerreiro que se acovarda.

*Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.*

*Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!*

*Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta à chuva e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.*

*Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem
Ao contato dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!*

*Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidadoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.*

Ah, mas o filho indígena não manchará a honra dos ancestrais. Lutará com denodo até o pai dizer-lhe basta, este sim é meu filho muito amado! Sim, corroborarei com meu olhar científico, meu: I-Juca Pirama, vislumbrado nas névoas dos sonhos poéticos, faz mais de década, existe sim.

Eu vi o brioso no largo terreiro

Cantar prisioneiro

Seu canto de morte, que nunca esqueci:

Valente, como era, chorou sem ter pejo;

Parece que o vejo,

Que o tenho nest'hora diante de mi.

ATO III

CENA 1

Palestrante: Satisfeito de poder dizer “meninos, eu vi”, o índio brasileiro como ele é, satisfeito de ter estudado e coletado objetos de sua cultura minguan-te para os museus da Corte, Gonçalves Dias está longe de ser um homem realizado. Volta para o Rio de Janeiro conceituado etnógrafo. Sua *História dos Jesuítas no Brasil* em breve sairá. Mas segue queixando-se de que se sente sufocado, afirmando que tem nele e no ambiente doméstico melhor veneno

que o vendido nas boticas. E aqui estamos de novo na triste história do seu casamento com Olímpia Coriolana. Ao contrair essa união, chegara a escrever Francisco Otaviano no *Jornal do Comércio*, em 1853: “o poeta popular, o poeta simpático deitou-se ao fogo para sempre”. Então é isso? Seu auto-exílio do lar, da Corte, do País, da vocação lírica, tudo isso é culpa de um casamento simulacro que o faz arrastar-se como morto-vivo a resmungar: vejam como me quebraram, vejam o que fizeram de mim? Ora, mas quem o forçou a tomar o passo que tomou? Quem o feriu de modo tão grave? Olímpia? Decerto não, pois não foi ela quem o pediu em casamento. Então quem? Quando? Onde? Como? Bem, essa é uma história que remonta à juventude do poeta, em São Luís.

Tem ele 23 anos e está hospedado na casa do amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, que conheceu em Portugal e lá lhe prestou auxílio financeiro determinante para que ele se formasse e voltasse ao Brasil bacharel. Alexandre Teófilo mora em uma casa assobradada na Rua de Santana, com a mulher, o filho, primas e tias. Nesse ambiente de larga e afável parentela, o Dias, como tratam o bacharel recém-chegado de Coimbra, que já compôs sua *Canção do exílio* e começa a ser conhecido pelo País, é recebido com carinho. Dança, conversa, brinca, dedilha notas no piano, sente-se como um mem-

bro da família. Acha graça na menina Ana Amélia, prima e cunhada de Teófilo. Horas gostosas passa a observar seu rosto risonho, travesso, belo, onde vibram inquietos.

Gonçalves Dias:

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;*

*Sens olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a frauta
Quebrando a soidão.*

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.*

*São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; — causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,
Com modo gentil.*

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,

Assim é que são;

Às vezes luzindo, serenos, tranqüilos,

Às vezes, vulcão!

CENA 2

Gonçalves Dias: Ah, caro Teófilo, que horas gostosas, tranqüilas, aconchegantes passo em tua casa! Infelizmente não posso eternizar minha presença aqui, sob pena de me tornar um agregado da família Leal! Preciso tomar um rumo na vida. Como?... O que me dizes? Vou para o Rio? Aceitaste por mim uma passagem de estado em um dos vapores do Sul? Melhor ainda, me arrumaste um cargo de promotor? Como é? Tenho de mandar um pobre-diabo à força? Promotor? Viver no Rio? De que forma, se tenho apenas 200 ou 300 mil réis...? Como? Ah, publicar meus primeiros cantos na Capital Federal?...

Palestrante: Gonçalves Dias, por sorte, não precisa assumir a promotoria nem mandar ninguém à força. Mas aceita a passagem e vai para o Rio. Lá, torna-se professor de Latim de História do Imperial Colégio Dom Pedro II, publica não só os *Primeiros cantos*, como os *Segundos cantos* e os *Últi-*

mos cantos. E o tempo passa. Vão-se cinco anos, mas a lembrança dos meses felizes passados em São Luís com a gente do Teófilo não se apaga nele. Logo que incumbido de ir a serviço às províncias do Norte, embarca com o entusiasmo de quem volta à pátria após longo exílio. Vai rever o lugar onde se sente bem. A gente que o trata como irmão, como filho. Vai rever, moças feitas, as primas de Teófilo que deixou meninas. Dizem que Ana Amélia está gorda, bonita, sem cuidados. Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros estão lá a esperá-lo, agora, com um novo encanto. Breve estará de braços dados com ela, acompanhando-a à festa dos Remédios, grande acontecimento social na cidade. Os pais da moça não se incomodam que o Dias lhe dê o braço, lhe faça versos, tenha com ela conversas prolongadas. O Dias é uma pessoa da casa. Mal suspeitam as frases e beijos de amor que o par troca no jardim.

Gonçalves Dias:

Quer sejam sandades, quer sejam desejos

Da pátria melhor;

Eu amo seus olhos que choram sem causa

Um pranto sem dor.

*Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.*

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.*

(o poeta, virando-se para Ana Amélia) Querida, tenho de voltar para o Rio, não posso ir com vocês para Alcântara. Mas amanhã mesmo escreverei a tua mãe, pedindo-te em casamento:

(o poeta, escrevendo à mãe de Ana Amélia)

Senhora,

Estou à espera do vapor em que hei de partir para o Ceará. Por esse motivo não posso ir a Alcântara pedir suas ordens, nem mesmo falar de um negócio que me interessa, e sobre o qual me permitirá de a ocupar por alguns momentos.

Para falar sem rodeios, a que estou pouco acostumado, eis do que se trata: Peço-lhe Dona Ana Amélia em casamento. Fazendo-lhe semelhante pedido, quero e é do meu dever ser franco. Não tenho nem a ambição de figurar na política do meu país, nem o amor de fazer fortuna, e quando se desse o contrário, faltar-me-ia habilidade. Assim, parece-me que nem

chegarei a ter mais do que hoje tenho, sendo difícil que venha a ter menos, nem valerei mais do que hoje valho, que é bem pouco. Não desconheço que outros, e decerto melhores partidos se oferecerão para sua filha: a única compensação que lhe posso oferecer, mas que não sei se julgará suficiente — é que me parece ter conhecido quanto ela por suas qualidades se recomenda, e querer lisonjear-me que a trataria, quanto melhor pudesse, se bem que não quanto ela merece. Rogo-lhe, pois, que não veja neste meu pedido atrevimento da minha parte, porém o desejo que tenho de me ver ligado a uma família a quem por tantos motivos respeito e sou obrigado, e a uma pessoa a quem desejaria ter por companheira.

CENA 3

(A mãe de Ana Amélia entra em Cena esbaforida, a sacudir a carta em mão)

Que desplante, a pretensão do rapaz! Que idéia descabida a do Dias! Pretender casar com Ana Amélia! Perdeu a noção do lugar dele? Um mulato! Um filho natural! Rápido, me dêem papel, caneta, é recusar em quatro linhas e deixar bem claro que o pedido despropositado jamais deveria ter sido feito!

Gonçalves Dias: O navio estava em Recife, quando recebi a resposta. Ainda me lembra o lugar, o

momento, as circunstâncias em que recebi a fatal carta. Estava eu no correio, deram-me as cartas que eu lá tinha e me esperavam em Pernambuco. Abri-as todas sem as ler, para ver de quem eram, e entre todas, feriram-me as quatro linhas da mãe de Ana Amélia, de que eu só pude ler a assinatura, como se uma luz demasiadamente forte me ofendesse os olhos. Fui para o hotel. Que momentos aqueles! Que ansiedade! Que turbilhão de idéias contrárias, confusas, baralhadas me acudiam ao pensamento, enquanto parecia faltar-me a terra, o ar, a vida! No quarto do hotel, como o sentenciado que procura espaçar a leitura de sua sentença, despi-me lentamente, li as mais cartas e ainda hesitei chegando àquela. Li-a, enfim! Tornei a lê-la quatro mil vezes, e daquela leitura só ficou idéia da repulsa. Lágrimas e soluços me revelaram toda a intensidade do meu amor e da minha infelicidade. Que fazer? Fugir com Ana Amélia? Como?, pensei, se a família de Ana Amélia é a família de Teófilo, que me ajudou, me hospedou, a quem só devo lealdade e gratidão?! O que fazer?! Para onde ir?! O que ser?! Agora vejo que ser o primeiro poeta do País não me confere, em certos círculos, a dignidade de homem que eu pensava ter. Ana Amélia que me esqueça, que me tenha em mau juízo, que pense que a requestei por passatempo, sem saber como a amo agora, como sempre a amarei!

CENA 4

Palestrante: Sacrifício, vingança, vontade de mostrar, que no Brasil, nem toda gente de bem o despreza, o poeta pede então a pálida Olímpia Coriolana da Costa em casamento. Pedido aceito, casa-se com ela. Enquanto isso, Ana Amélia, desesperançada, passa a namorar o comendador Domingos da Silva Porto, comerciante de São Luís com boa posição econômica e social. Mais uma vez, os pais da moça se opõem ao namoro, dada a origem do rapaz, os traços que revelam sangue negro. Acontece que Porto, sem os mesmos escrúpulos de Gonçalves Dias, foge com Ana Amélia e casa-se com ela. O sogro, em retaliação, deserda a filha por escritura passada em cartório, declarando que assim o faz porque a filha se casou com o neto da preta Eméria, que fora escrava do coronel Antônio Correia Furtado de Mendonça. Hostilizado e perseguido, Porto vê seus negócios falirem e é forçado a partir com Ana Amélia para Lisboa. Belo dia em Lisboa, nosso poeta, por acaso, a encontra na rua. Cumprimenta-a, mas ela não lhe responde. Comovido, sem palavras, volta a casa e no calor do sentimento escreve-lhe:

Gonçalves Dias: *(lendo alto o que escreveu)*

*Enfim te vejo! – enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado,
A não lembrar-me de ti!*

*Mas que tens, não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pode o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!*

*Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que má darias – bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações, que se meteram,
entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!*

*Oh se lutei!.. mas devera
Expôr-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos ditérios seus!
Devera, podia acaso,
Tal sacrificio aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?*

*Devera, sim; mas pensava
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dor!*

*Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!*

*Adeus qu'eu parto, senhora;
 Negou-me o fado inimigo
 Passar a vida contigo,
 Ter sepultura entre os meus;
 Negou-me nesta hora extrema,
 Por extrema despedida,
 Ouvir-te a voz comovida
 Soluçar um breve Adeus!*

*Lerás porém algum dia
 Meus versos, d'alma arrancados,
 D'amargo pranto banhados,
 Com sangue escritos; — e então
 Confio que te comovas,
 Que a minha dor te apiade,
 Que chores, não de saudade,
 Nem de amor, — de compaixão.*

ATO IV

CENA 5

Palestrante: Exílio é banimento, expulsão, exclusão.

Mãe de Ana Amélia: (*esbaforida*) Que petulância, o Dias querer pertencer a minha família abastada,

castiça, de boa cepal Um nativo natural, nascido no mato, desejar meu lírio do vale! Ah, é o maior poeta brasileiro da atualidade? O povo sabe de cor seu poemeto do canário cantando no coqueiro? Em primeiro lugar, canário não canta em coqueiro. Em segundo, *le people* não é gente de minha igualha. Em terceiro lugar, ser poeta não é meio de vida. Em quarto lugar, nem quarto decente teve, para nascer, nasceu em uma choupana coberta com palhas de pindoba, como soem fabricar nossos selvagens. Em quinto lugar, verifiquem quem era a mãe dele, quem era o pai. Filho de exilado com exilada dá em quê?

Palestrante: O exílio é também um asilo, um lugar onde perseguidos, em busca de proteção, se refugiam. Faz sentido dizer que Gonçalves Dias nasceu no exílio? Para elucidar esse ponto, peçamos ao poeta uma nota biográfica sobre seu nascimento.

Gonçalves Dias: As províncias do Norte do Brasil foram as que bem mais tarde aderiram à independência do Império. A vila de Caxias, no Maranhão, foi a derradeira. A Independência foi ali proclamada depois de uma luta sustentada com denodo por um bravo oficial português que ali se fizera forte. Isto teve lugar a 1º de agosto de 1823. Nasci a 10 de agosto desse ano.

Palestrante: Pelo que se vê, o poeta frisa que nasceu com a independência do Brasil, como a querer vincular seu destino ao do País, mas nada diz sobre pai e mãe.

Gonçalves Dias: Meu pai chamava-se João Manuel, minha mãe Vicência.

Palestrante: Sim? E festejavam a rendição de Caxias quando vieste ao mundo?

Gonçalves Dias: *(silêncio)*

Palestrante: Pesa-lhe dizer que o pai, João Manuel, é um português contrário à independência da colônia. Um dos odiados “marinheiros” que lutam para separar o Maranhão do Brasil e mantê-lo vinculado a Portugal. Um lusitano que, desejo de manter a nacionalidade portuguesa e temendo represálias nacionalistas fuge de Caxias no fragor da batalha e vai se abrigar em um sítio que tem, perto, em Tabocas, levando consigo a companheira cafuza, humilde, analfabeta, que lhe serve de criada e amásia, grávida de nove meses.

João Manuel: Vicência, minha filha, corre, os independentes venceram! Estão armados até os dentes e querem que nós, os comerciantes portugueses

não rendidos, lhes paguemos multas altíssimas. Pois sim, que pagarei! Corre, vem, vamos para Tabocas, ainda é tempo de fugir e de lá ter nosso filho em segurança.

Palestrante: O sítio é uma choupana rústica, coberta de palha no meio de imenso babaçuzal. Nesse refúgio solitário, dez dias depois de fuga de Caxias, Vicência dá à luz o pequeno Antônio.

O sussurrar das palmeiras, o trinado das aves, são os primeiros sons que a criança ouve. A mãe, entretanto, mal refeita do parto, ouve algo mais grave do companheiro português:

João Manuel: Vicência, minha filha, este lugar não está seguro para mim. O ódio aos portugueses ainda é grande. Vou-me às ocultas para São Luís e de lá para Portugal, enquanto tu ficas aqui com o menino, está bom?

Palestrante: Em seus primeiros dois anos de vida, o bebê só vê, além da mãe, os escravos que trabalham nas plantações de algodão, os índios mansos que fabricam potes de barro, cabaças, redes de fibra, tipitis e o verde ondeante dos palmares rodeando a capoeira onde mora. Já anda e fala, quando dissipado o sentimento antilusitano da primeira Independência, João Manuel reaparece

no sítio e o leva, com Vicência, para Caxias. Então a infância prossegue pacata e descuidada, sem suspeita de que a união dos pais – João Manuel, comerciante branco e abastado; Vicência, cafuza e analfabeta –, evolui em bases frágeis. Se é verdade que o menino de seis anos, por vezes ouve dizer: “teu pai fugiu de Caxias no dia da Independência porque era inimigo dos brasileiros!”, mal desconfia ser prática comum, os comerciantes portugueses se arrumarem nos primeiros tempos de Brasil com as carinhosas, humildes e econômicas mulheres de cor, e depois de feito o pé-de-meia, depois de prósperos, dispensarem os serviços dessas criadas para se casarem com donzela da extirpe deles. Por isso, vai de calças curtas por Caxias quando, belo dia, parece-lhe que um tufão o expelle do pátrio ninho.

João Manuel: Vicência, minha filha, quero te apresentar à Exma. Sra. D. Adelaide Ramos de Almeida, minha prometida, isto é, minha noiva, a pessoa com quem vou me unir no santo laço do matrimônio. A partir de hoje, Vivência, teus serviços não são mais necessários nesta casa. Podes seguir o teu rumo como bem quiseres. Ah, sim, o menino fica. Com a inteligência que demonstra, a instrução que lhe proveremos, poderá ter um futuro brilhante de marajá.

Vicência: E eu, sou marabá?

João Manuel: Sim, Vicência, trocando em miúdos, além de pobre e analfabeta, és marabá. A rigor és cafuza, mistura de índio com negro, mas, vai-te embora, vai. E vai com Deus. Que na tua estrada te depare outro senhor que te dê lar e pousada.

Palestrante: Vicência parte, sem retrucar. Afinal, o que tem a oferecer ao filho, cuja esperteza não cansa de espantá-la? O saber, o poder, o dinheiro, o mundo do colonizador é tão superior ao seu! Dona Adelaide Ramos de Almeida é senhora educada que sabe ler e escrever. Fará do seu Antônio um marajá. Ao passo que a ela, rude e iletrada, só lhe resta mesmo seguir caminho, deplorando o seu degredo.

Eu vivo sozinha, ninguém me procura!

Acaso feitura

Não sou de Tupá?

Se algum dentre os homens de mim não se esconde:

– “Tu és”, me responde,

“Tu és Marabá.”

– Meus olhos são garços, são cor das safiras

– Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;

– Imitam as nuvens de um céu anilado,

– As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

“Teus olhos são garços”

Responde anojado, “mas és Marabá”:

“Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

Uns olhos fulgentes,

Bem pretos, retintos, não cor d’ anajá.”

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,

— Da cor das areias batidas do mar;

— As aves mais brancas, as conchas mais puras

— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delírios:

— “És alva de lírios”,

Sorrindo responde, “mas és Marabá”.

“Quero antes um rosto de jambo corado,

um rosto crestado

Do sol do deserto, não flor de cajá.”

— Meu colo de leve se encurva engraçado,

— Como hastea pendente do cactus em flor;

— Mimosa, indolente, resvalo no prado,

— Como um soluçado suspiro de amor! —

Eu amo a estatura flexível, ligeira,

Qual duma palmeira,

Então me respondem; “tu és Marabá”:

“Quero antes o colo da ema orgulhosa,

Que pisa vaidosa,

Que as flóreas campinas governa, onde está.”

- *Meus loiros cabelos em ondas se anelam,*
- *O oiro mais puro não tem seu fulgor;*
- *As brisas nos bosques de os ver se enamoram,*
- *De os ver tão formosos como um beija-flor! —*

*Mas eles respondem: "Teus longos cabelos,
São loiros, são belos,
Mas são anelados: tu és Marabá:
Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
Cabelos compridos,
Não cor d'oiro fino, nem cor d' anajá..."*

*E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem nas direi?
O ramo d' acácia na frente de um homem
Jamais cingirei:*

*Jamais um guerreiro da minha arazóia
Me desprenderá:
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!*

Palestrante: Vicência sai de Cena para que entre Adelaide, sem escândalos, sem ameaças, faz parte do pacto senhorial da nação emergente. Como extrair o filho de seis anos dessa realidade, quando Freud não surgiu no mapa, Marx é um adolescente, e a tirana escravidão reina poderosa, moldando

a consciência dos seus súditos? Como pode Vicência explicar ao filho o que é expulsão, banimento, demissão sumária sem aviso prévio, fundo de garantia ou décimo terceiro salário? Fazer-lhe entender a necessidade de seu exílio forçado, quando mal domina o vernáculo? Decerto foi só pelo olhar que ao partir dirigiu-lhe estas palavras:

*Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
que os fracos abate,
que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.*

*Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.*

*O forte, o cobarde
Seus feitos inveja*

*De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves conselhos,
Curvadas as frentes,
Escutam-lhe a voz!*

*Domina, se vives;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte
Que a morte há de vir!*

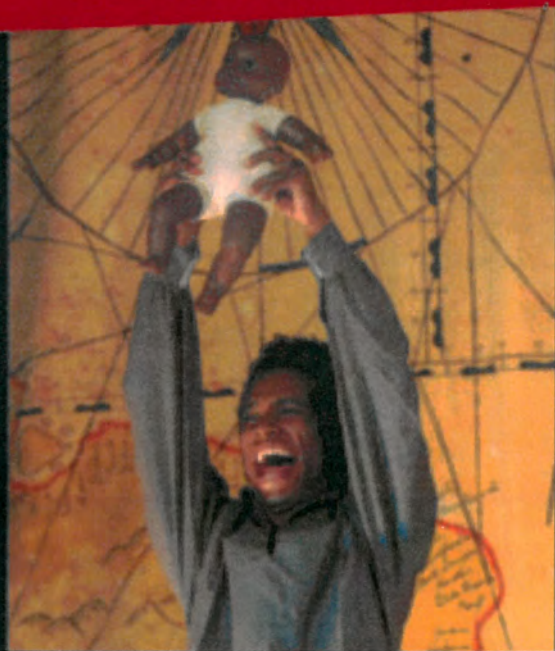
*E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fagueiro
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.*

*(canto) Minha terra tem palmeiras
Onde canta sabiá...*

Palestrante: Antônio Gonçalves Dias, prestes a embarcar para Portugal, perde o pai, aos treze anos de idade. Entretanto, com apoio da madrasta e sobretudo de amigos como Alexandre Teófilo de Carvalho Leal estudará em Coimbra e cumprirá o ilustre destino que o pai anteviu e no qual apostou. Só não será marajá. Será apenas o cantor do exílio e dos índios, autor de versos que o povo brasileiro sabe de cor e que figuram no Hino Nacional. Atribua-se isto aos traumas da infância, aos laços de sangue, à solidariedade inconsciente com a mãe cafuza que lhe embalou os primeiros anos, tão logo marcado pela exclusão social, quererá mostrar que seu indianismo poético foi mais que moda importada da Europa, foi o estigma nativo que o fez arrastar-se pela vida, a lamuriar-se:

Gonçalves Dias: Eu vivo sozinho, chorando mesquinho, que sou marabá.

BRASIL NEGREIRO



Quadros literários
da escravidão

Macedo/Castro Alves

ATO I

CENA 1 *(Na dianteira de um palco escuro, dois homens trajados à moda do Segundo Império brasileiro interpelam a platéia. O primeiro, de aparência jovem, fisionomia desfeita, tom de extrema gravidade)*

Primeiro figurante: “O quadro é negro.
Que os fracos
Recuem cheios de horror.”

Segundo figurante: “Ninguém se iluda, ninguém
se deixe iludir.”

Primeiro figurante: *(dirigindo-se a alguém na platéia)*
“Vem comigo, mas... cuidado...”

Segundo figurante: *(dirigindo-se à platéia em geral)* “Não
queremos ter segredos nem reservas mentais
convosco.”

(Palestrante vai da platéia ao palco, parando, súbito, no que o primeiro figurante lhe diz:

Primeiro figurante:

“Não venhas tu que achas triste
Às vezes a própria festa...
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orquestra
Por que despertar tu'alma,
Em sedas adormecida,
Esta excrescência da vida
Que ocultas com tanto esmero?”

Segundo figurante: (*dirigindo-se à palestrante*) “É nosso empenho e nosso fim levar a vosso espírito e demorar nas reflexões e no estudo de vossa razão fatos que tendes observado, verdades que não precisam mais de demonstração, obrigando-vos a encarar de face, a medir, a sondar em toda sua profundidade um mal enorme que afeia, infecciona, avilta, deturpa e corrói a nossa sociedade...”

Palestrante: (*dirigindo-se à platéia*) Quem são os dois indivíduos que nos falam? Que má notícia querem dar? Quem diz aqui: “Vem comigo, mas cuidado” como quem avisa que o espetáculo vai ter cenas chocantes? Quem mais ali quer retratar “sem reservas mentais” um mal enorme, que afeia e infecciona, como quem comunica doença fatal ao paciente?

Primeiro figurante: (*advertindo palestrante e platéia*)

“Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel,
Vem comigo, mas... cuidado...
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.”

Segundo figurante: (*advertindo palestrante e platéia*)

Não vos iludais, não vos deixeis iludir; preparai-vos. Não se extirpa o cancro sem dor. Quando em negro horizonte e em atmosfera abafada começam a rasgar-se os fuzis e a rugir a trovoadas que avança formidável, ninguém se iluda, ninguém se deixe iludir. Não há combinação de interesses, não há partido político, não há governo, por mais forte que se presuma, que possa impedir o proceloso acontecimento.

Palestrante: Quem são esses inquietantes senhores?
O que querem revelar?

Primeiro figurante: (*à platéia*)

Vinde ver como se rasgam as entranhas.
Aii! Vamos ver guilhotinadas almas.

Segundo figurante: Pobre escritor de acanhada inteligência, rude e simples romancista sem arte, que somente escreve para o povo, pagaremos o nosso tributo nas proporções da nossa pobreza, servindo à causa mais melindrosa e arriscada, porém indeclinável, que atualmente se oferece ao labor e à dedicação do civilismo...

Palestrante: Senhoras e senhores, encerremos o suspense. Apresentemos a dupla que nos interpe-la. Em versos rimados, cabeleira revolta, olhar de águia, o poeta baiano Castro Alves, nascido em 1847, morto em 1871. Em prosa cadenciada, bigode e cabelos grisalhos, o romancista carioca Joaquim Manuel de Macedo, nascido em 1820, morto em 1882, famoso autor de *O moço loiro*, *A Moreninha*. Informemos que no ano de 1869, depois de seguirem caminhos próprios, bastante diversos, ambos se encontram na plataforma da literatura abolicionista, empenhados em sensibilizar a opinião pública brasileira com os horrores da escravidão no Brasil.

Estamos, pois, em 1869. Nosso país é um império recém-independente, há três séculos e meio dependente do trabalho escravo. Nesse período de 350 anos, milhões de africanos foram arrancados de suas terras, de sua gente, de sua cultura, para serem entre nós explorados, espoliados,

violentados, utilizados como animais de carga. Nossa literatura romântica tem celebrado com vigor os amores românticos da elite branca cidadã, a melancolia romântica dos mancebos educados nas universidades d'aquém e d'além mar; tem evocado a vida romântica do índio ancestral desaparecido, tem registrado a exuberância romântica da flora e da fauna nacionais. Em contrapartida, vem desviando seu olhar do negro, como se ele não existisse à volta, e sequer pudesse ser um assunto despertado pela observação direta da nossa realidade. Embora saibamos que nessa realidade imperial, onde quer que ocorra produção agrícola – seja ela de açúcar, café, algodão, tabaco – essa produção é movida a negros que trabalham em jornadas diárias de dezesseis horas ininterruptas. Embora saibamos que nessa realidade imperiosa, onde quer que se vejam pedreiros, carpinteiros, pintores, impressores, marceneiros, sapateiros, ferreiros, tecelões, pajens, cavalariaços, estão negros em ofício, e no ofício de construir um país para os brancos, conforme dirá Joaquim Nabuco.

Ninguém tem olhos para a realidade? Ninguém se insurge contra ela? Sim, muitos, a Inglaterra industrial, os Estados Unidos democráticos, o Ocidente esclarecido, o Brasil progressista, em suma, o próprio mundo culpado pelo sórdido episódio do comércio humano. Lembrem: estamos em 1869. Há

dezenove anos, a lei Eusébio de Queirós aboliu definitivamente o tráfico escravagista e, também nesse período, nenhuma outra medida governamental foi tomada com relação ao fim da escravidão. O movimento que demanda a abolição da escravatura, amplamente divulgado em jornais, panfletos, romances, poemas, peças de teatro decerto angaria mais e mais adeptos em todos os segmentos da sociedade brasileira. Daqui a dois anos, em 1871, a lei Rio Branco, que se tornará conhecida como a Lei do Ventre Livre, será aprovada por 65 votos favoráveis, 45 contra, e determinará:

Primeiro figurante: *(lendo em voz alta, como porta-voz do Governo)*

Artigo 1º: “Os filhos da mulher escrava, que nascerem no Império desde a data desta lei, serão considerados de condição livre.”

Segundo figurante: *(também lendo em voz alta como arauto do Governo)* Parágrafo 1º: “Os ditos filhos menores ficarão em poder e sob a autoridade dos senhores de suas mães, os quais terão obrigação de criá-los e tratá-los até a idade de oito anos completos. Chegando o filho da escrava a esta idade, o senhor da mãe terá a opção, ou de receber do Estado a indenização de seiscentos contos, ou de utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 anos completos.”

CENA 2 (*primeiro figurante/ Castro Alves encarna o senhor de escravos diante da escrava*)

Castro Alves: Graças a Deus! Com a Lei do Ventre Livre nossos mercadores e fazendeiros não poderão mais dispor dos filhos de suas escravas. Não poderão chegar à senzala gritando arrogante:

Senhor: – *Escrava, dá-me teu filho!*

Escrava:

– *Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda pouco o embalei, pobre inocente,
Que nem sequer presente
Que ides...*

Senhor: – *Sim, que o vou vender!*

Escrava: – *Vender?!... Vender meu filho?!*

Senhor, por piedade, não...

Vós sois bom... antes do peito

Me arranqueis o coração!

Por piedade, matai-me! Oh! É impossível

Que me roubem da vida o único bem!

Apenas sabe rir... é tão pequeno!

Inda não sabe me chamar!... Também

Senhor, vós tendes filhos... quem não tem?

*Se alguém quisesse os vender
Havíeis muito chorar
Havíeis muito gemer
Diríeis a rir – Perdão?!
Deixai meu filho... arrancai-me
Antes a alma e o coração!*

Senhor: *Cala-te, miserável! Meus senhores,
O escravo podeis ver...*

CENA 3

Palestrante: Estamos, repito, em 1869. Daqui a dezesseis anos, isto é, em 1885, vencida a relutância da classe senhorial, será aprovada a Lei dos Sexagenários, que libertará os escravos com mais de 65 anos, beneficiando o reduzido número de cativos que então terão essa idade. Será que beneficiando de fato?, questionará a *Revista Ilustrada* de Ângelo Agostini, com ironia, em 1884:

Jornaleiro: Atenção! Atenção! “ Já os velhos escravos podem morrer livres!

Mas é livre de tratamento e no meio da estrada. Todo escravo maior de 60 anos será livre disse o atual Governo.

É algo tanto desumano, mas sempre é um passo a favor da abolição.”

(jornaleiro espantado:)

Uai..., a Lei dos Sexagenários libera os escravos com 60 ou 65 anos?...

Passante: *(respondendo ao jornaleiro)* O limite inicial era de sessenta anos, mas a reação dos escravocratas foi tal, que o Governo adiou para mais cinco anos a liberdade dos velhos cativos.

Palestrante: Sim, estamos em 1869. Daqui a dezenove anos, em 1888, depois que um grupo de abolicionistas comandado por Antônio Bento tiver incitado os escravos paulistas a fugirem em massa das fazendas; depois que 10 mil escravos se tiverem evadido para o quilombo de Jabaquara, em Santos, os fazendeiros de café de São Paulo aceitarão a extinção da escravatura como único meio de manter mão-de-obra na propriedade e assim garantir a próxima safra.

Jornaleiro: Atenção! Atenção! A Lei Áurea foi promulgada pela Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor Dom Pedro II, nos seguintes termos:

Art. 1º É decretada extinta desde a data desta lei, a escravidão no Brasil.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

CENA 4

Palestrante: Bem, mas acontece que ainda não estamos no ano da abolição da escravatura. Estamos ainda em 1869, quando a escravidão viceja como erva daninha, ao ponto de termos escravos em todos os 643 municípios do Império. Para quem gosta de coincidências, estamos a dezenove anos passados do fim oficial do tráfico negreiro, e a dezenove anos antecipados do fim oficial do cativo vitalício de pessoas de cor negra importadas da África para o Brasil. Se estar no meio de um processo político tão vital não basta para singularizar o ano em questão, apontemos que nele a literatura abolicionista nos oferece um interessante confronto. De um lado do palco libertário, temos o poeta Castro Alves declamando triunfal seu poema-denúncia *O navio negreiro*, de outro, temos o escritor Joaquim Manuel de Macedo divulgando seu romance-libelo anti-escravagista *Simeão — o crioulo*. Castro Alves deplora em versos o cativo, Macedo o lamenta em prosa. Contracenando aqui conosco, mostrarão ainda diferenças de quilate e espírito. Mas não podemos negar que, por enquanto, ambos se conjugam no empenho de acusar sem reboços os horrores da escravidão.

Castro Alves: Vem comigo, mas cuidado... que os fracos recuem cheios de horror.

Macedo: Não queremos ter segredos nem reservas mentais convosco. Preparai-vos.

Palestrante: Sejamos fortes, concedamos a cada autor, por alguns instantes, a atenção que pedem.

ATO II

CENA 1

Castro Alves: *(dirigindo-se à palestrante)* Vem comigo navegar em bela noite enluarada. O vento sopra bonançoso, impelindo avante o barco n'água. Em pouco, agradável surpresa:

*'Stamos em pleno mar... Doido no espaço
Brinca o luar – doirada borboleta –
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.*

*'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias
– Constelações do líquido tesouro...*

*'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azuis, donrados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?*

*'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares
Como roçam na vaga as andorinhas...*

*Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara, os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.*

(o poeta dirige-se à palestrante e à plateia) Sei que vocês já estão se dizendo: "Ao final de tanto alarde, o que se imaginou tragédia resulta festa aos olhos". Sei que já se aprontam a me perguntar: "Onde está o horror que faz aos fracos recuar?" A amplidão marítima em noite clara é um belo cenário, e a julgar pelo vagar com que bebo a paisagem, já presumem que algum canto de se-reia me desviou de rumo. Sim, admito que a ondulação marítima, o ar noturno, me prendem e enfeitiçam:

*“Bem feliz quem ali pode nest’ hora
Sentir deste painel a majestade!...
Em baixo – o mar... em cima – o firmamento...
E no mar e no céu – a imensidade!”*

*Oh! Que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!*

*Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço desses pèlagos profundos!*

*Esperai! Esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra – é o mar que ruga pela proa,
E o vento que nas cordas assobia...*

*Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! Quem me dera acompanhar-te a esteira!
Que semelha no mar – doido cometa!*

Albatroz! Albatroz! Dá-me estas asas...

CENA 2

Palestrante: É antiga a aspiração humana de voar como os pássaros. De voar pelo espaço como anjos libertos das limitações da carne, do corpo biológico, da finitude material. Planar nas esferas do ideal e da suprema liberdade como o albatroz, a águia, o condor. Então é isso a tal poesia condoreira? Uma poesia que almeja escapar da órbita terrestre para outras elevações? Ou será que o poeta só abriu a porta da evasão para fechá-la com mais força? Ah, vejam como a expressão mudou!

Castro Alves:

*Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais, inda mais... não pode o olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador.*

*Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!
Que cena funeral!... que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil!... Meu Deus! meu Deus!
Que horror!*

Palestrante: Não, o vôo poético há pouco alçado não foi na trilha da evasão. Foi antes subida estratégica para inspeção dos porões náuticos que zarpa-

ram de Luanda e ora singram o mar real. Sim, que os fracos recuem cheios de horror. Aos dezessete dias de viagem, 55 escravos mortos foram atirados à água. Sobram 517 viventes depauperados, apertados em celas baixas de 90 centímetros de altura, a maior parte sem ar ou luz.

*Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar.*

*Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas
Em ânsia e mágoa vãs.*

*E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doídas espirais...*

*Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala,
E voam mais e mais...*

*Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!*

*Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando geme e ri!*

*Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...*

Palestrante: É verdade, creiam. Para a tripulação do brigue, a travessia oceânica prossegue suave e a contento. Embarcaram em Luanda 562 escravos. Sobram 517. Considera-se perda normal uma percentagem de até 15% de africanos mortos na viagem. Essa cota de mortandade não impede que em 350 anos de história colonial 5 milhões de africanos cheguem ao Brasil em navios negreiros, também chamados de tumbeiros. O traslado pode durar até oito meses. Começa quando o negro africano é caçado, capturado, marcado a fogo e transportado até a costa para ser vendido. No porto de embarque marcam-no com um instrumento de prata do lado direito do peito, para fins de taxação. Uma vez vendido, imprimem-lhe a ferro quente pequê-

na marca de propriedade do lado esquerdo do peito. Logo que batizado, gravam nele, com o ferro em brasa, pequena cruz de cada lado do tórax. Mas ainda o pior é a travessia oceânica.

Castro Alves:

*Hoje... o porão negro, fundo
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o souo sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...*

Palestrante: Ou pior que a travessia oceânica, não será a média de vida de quinze anos que o Brasil negreiro reserva ao cativo desembarcado? Pior que a travessia oceânica, não será a certeza que, de cem escravos desembarcados, 25 ficarão incapacitados em razão das péssimas condições de trabalho e do fato de seus donos preferirem importar novos escravos, a criar um escravo doente? Pior que a travessia, não será a perspectiva de dentes quebrados e ventres furados que senhoras ciumentas reservam às escravas? Ou a perspectiva de a cada cem bebês nascidos no cativo, só doze sobreviverem, em uma cota de mortalidade infantil que chegará a 88%? Enfim, não adiantemos o tempo. Sobre o

destino dos escravos que, depois de resistir aos porões negreiros, vão se enraizar, macerados e alquebrados nas senzalas brasileiras, ouçamos a história de *Simeão — o crioulo*, que o romancista Joaquim Manuel de Macedo tem a contar.

ATO III

CENA 1

Macedo: Simeão devia ter uns vinte anos: era um crioulo de raça pura africana, mas cujos caracteres físicos, aliás favoravelmente modificados pelo clima e pela influência natural do país onde nascera, não tinham sido ainda afeiados pelos serviços rigorosos da escravidão, embora ele fosse escravo.

A história de Simeão é simples e se parece com mil outras que ocorrem no seio dos lares brasileiros. Domingos Caetano tem de sua muito amada mulher Angélica, uma doce filha chamada Florinda. Não podendo a nobre e virtuosa senhora amamentar o seu anjo, confia a pequena aos peitos de uma escrava que acaba de ser mãe como ela. Aí, como a escrava morre dois anos depois, a senhora Angélica, em paga da amamentação que deu, decide criar

com amor maternal o crioulinho Simeão, irmão-de-leite de sua querida Florinda.

Até os oito anos de idade Simeão tem prato à mesa e leito no quarto dos senhores. Não tem consciência de sua condição de escravo. Depois dessa idade, embora privado da mesa e do quarto em comum com os senhores, continua a receber tratamento de filho adotivo. Criado, porém, com amor desmazelado e imprudente, cresce sem hábito de trabalho, abusando muitas vezes da fraqueza dos amos, sem atingir a dignidade de homem livre, e sem reconhecer nem sentir a submissão do escravo. Parentes e amigos de Domingos e Angélica não cansam de alertá-los, mostrando Simeão:

Amigo: Estão criando um inimigo: a regra não falha.

Domingos: Coitado, ele é tão bom!

Angélica: É impossível que nos seja ingrato.

Amigo: Ih, com tamanha condescendência, já vi que Domingos, ao morrer, no mínimo deixará o Simeão forro!

Macedo: Mas o tempo passa, e vem um dia em que Simeão se reconhece escravo. Na cozinha, a negra

má e impiedosa quando lhe castiga as travessuras e exigências apadrinhadas pelos senhores, é lembrando com todas as letras:

Cozinheira: “Chispa daqui, moleque, que tu é escravo como eu”!

Macedo: (*interpelando a platéia*) Vocês, do século XXI, já viram esse filme antes? Pois é, com o passar do tempo Simeão ouvirá de mais a mais:

Cozinheira: “Chispa, rapaz, banquete de gente livre né pra tu não! Anda, some, que tu não pode ter parte nas diversão da sociedade livre, não”!

Macedo: Então Simeão passa a freqüentar cada vez mais a venda que há perto da fazenda, lá convivendo com os escravos mais brutais e corruptos, com os vadios mais turbulentos e viciosos das vizinhanças. O resultado é que, aos poucos, ele mesmo vai se entregando ao deboche, ao jogo aladroadado, à embriaguez ignóbil e à luxúria mais torpe. A certa altura, Domingos e Angélica acabam cedendo à evidência de que Simeão lhes furta dinheiro. Só que em vez de castigá-lo com severidade, limitam-se a repreendê-lo com aspereza e a impedir que saia da fazenda por algumas semanas. A situação é essa, quando Florinda, que

aliás protege muito o irmão-de-leite, o pega saindo do quarto dos pais no ato de esconder um objeto no bolso:

CENA 2

Florinda: Ainda um furto, Simeão!...

Simeão: E quem disse que furtei?

Florinda: Entrega-me o que furtaste: eu não direi nada e te perdorei... tu és doido e queres ser desgraçado...

Simeão: É mentira! Eu não furtei.

Florinda: O quê?! Atrevido!

Domingos (*acudindo*): Que foi isto?

Florinda: Tira do bolso desse miserável o que ele acaba de furtar! Ainda teve o atrevimento de dizer que eu menti!

Domingos (*descarregando seis vezes o açoite nas costas de Simeão*): Ah, desgraçado, não diga que minha filha é mentirosa!

Macedo: O rapaz de dezenove anos não solta um gemido, mas a partir desse dia começa a odiar seus benfeitores. Então, quando Domingos Caetano sofre um ataque de cabeça, que o deixa com a metade do corpo paralisado, Simeão começa a desejar que ele morra. O fazendeiro, que ficou hemiplégico e de boca torta, sabe, por si, que a morte não tardará, e seu único pensamento é casar a filha Florinda... Pois só morrerá tranqüilo sabendo que ela está entregue a um protetor zeloso. Para Simeão, a ocupação agora é carregar seu senhor do leito para a cadeira, da cadeira para o leito, como o burro carrega um fardo e o boi puxa um carro. Na venda perto da fazenda, muitos lamentam o jovem escravo pelo adiamento da alforria tão sonhada. Entre eles, José Borges, o Barbudo:

CENA 3 *(na venda)*

Barbudo: Tivesse o senhor Domingos morrido tu tava forro, hein, Simeão...! Em todo o caso, não desanima. Ataque de cabeça, quando deixa sinal, não tarda a voltar. Mas me explica uma coisa... donde diabo veio o favor que conseguiste de teus senhores? Olha que deveras eles te estimam!

Simeão: Minha mãe foi ama-de-leite da menina Florinda.

Barbudo: Ah! Era de razão... Mas, com os diabos! Se morrer o velho, a liberdade que ele vai te deixar tem ares de bênção seguida de pontapé!

Simeão: Como assim?...

Barbudo: Não te mandaram ensinar ofício, fizeram de ti um famoso vadio, como eu, e agora se vieres a ficar forro, escorregarás da alforria para a miséria... hein?...

Simeão: Penso às vezes nisso, Barbudo, mas...

Barbudo: Mas o quê?...

Simeão: É que a liberdade é sempre a liberdade! No dia em que me achar forro cresço um palmo.

Barbudo: Boa consolação! Não serás capaz de viver liberto, como vives escravo: tu passas um vidão.

Simeão: Talvez, mas sou escravo, este nome, quando soa, fura-me os ouvidos, como se fosse um estoque envenenado.

Barbudo: Não me venhas com essa, eu sei o que esperas: o velho é rico a abarrotar, e sabes e contas que te deixará com a liberdade dinheiro bastante para o princípio de algum negociozinho.

Simeão: Liberdade sim, dinheiro não. É certo que o dinheiro anda lá em sacos, mas o velho é unhas de fome, e nunca falou senão em ajuntar fortuna para a menina.

Barbudo: Olha, Simeão, acabas em cachorro leproso se ficares forro sem dinheiro. Coitado do Simeão! Que injustiça! Quando pouco te bastava, e há tantos, tantos sacos...!

Simeão: Muitos...

Barbudo: Que lorpa de velho! Com os diabos, e o sovina não tem medo dos ladrões?

Simeão: Ladrões, que iriam lá fazer?... A casa da fazenda é uma fortaleza.

Barbudo: Só assim, mas não há fortaleza que não se renda.

Simeão: Aquela, somente por traição.

Barbudo: Que nos importa a fortaleza? Que o diabo a leve e também ao velho, contanto que ele te contemple com algum dinheiro no seu testamento, do contrário, manda-o pinotear no inferno pela liberdade miserável em que te abandonará.

Simeão: Com efeito, eu tenho necessidade de dinheiro. Já fiz meus planos: negociarei em bestas e cavalos. Ganha-se muito nisso...

Barbudo: Mas para principiar o negócio?

Simeão: É isso, preciso ter algum dinheiro.

Barbudo: Olha, Simeão, criado como filho adotivo, tens direito a herdar um pedacinho da fortuna do velho, e eu, no teu caso... Queres um conselho de amigo?

Simeão: Quero sim.

Barbudo: Eu, no teu caso, herdava por minhas mãos. Morrendo o velho, tirava o meu quinhão. Não sejas tolo, se puderes, e há muitos meios, faz-te herdeiro sem te importar o testamento. Ninguém sabe quanto o sovina aferrolha, e os mortos não falam. Não sejas tolo.

(segue-se um silêncio pesado em que o Barbudo e Simeão meditam. A venda está deserta. De repente, Simeão aproxima-se do Barbudo e pergunta:)

Simeão: Então é certo que o ataque de cabeça, quando deixa sinal, volta sempre?...

Barbudo: É de regra.

Simeão: E esse ataque demora muito a voltar?

Barbudo: Quase nunca.

Simeão: Leve o diabo o teu quase, Barbudo!

(O Barbudo solta uma gargalhada cínica)

CENA 4

Macedo: Entretanto os dias passam e o ataque de cabeça que deixou sinal em Domingos Caetano não volta. Simeão começa a se impacientar e muito. O velho teima em viver, e o que é mais, consegue acertar, preparar e celebrar a união de Florinda com Hermano Sales, um rapaz de poucos meios, porém honesto e trabalhador, filho do lavrador vizinho. O dia do casamento é de esplêndida festa na fazenda... Noivos e convidados têm banquete suntuoso e animado baile à noite. Para os escravos, além da dispensa de serviço, sobras do banquete, garrafas de vinho e de aguardente em abundância. Nas três senzalas da fazenda fervem os fados e o canto rasgado dos tocadores de viola *em desafio* ecoa ruidoso. De espaço em espaço, os escravos gritam em coro: Viva sinhá-moça! e os folguedos avançam noite aden-

tro. Mas depois da festa tudo volta ao normal. Mais chicote, menos chicote, é sempre o mesmo cativoiro, com uma diferença: no marido de sinhá-moça tem-se agora um novo senhor. De modo que Simeão passa a desejar mais que nunca a morte de Domingos Caetano que há de deixá-lo forro, conforme o pensar de todos. Certa noite, na venda, encontra o infalível Barbudo que dorme, ou finge que dorme, estirado no banco fronteiro ao balcão.

CENA 5

Barbudo: *(levantando a cabeça à chegada de Simeão)* Como vais?

Simeão: De mal a pior.

Barbudo: Não apareces de dia como antes, Simeão: agora só à noite que passeias!

Simeão: Tenho senhor novo: é necessário estudá-lo.

Barbudo: Vamos conversar *(diz, afastando-se com Simeão, para falar-lhe em reservado)*

Simeão: O ataque do velho não volta. Deixou sinal e não se repete! É para desesperar.

Barbudo: *(a rir)* Também que pressa!

Simeão: É que agora não posso suportar o cativeiro naquela casa: prefiro ser vendido a outro senhor.

Barbudo: Que há pois de novo? *(Barbudo trava braço de Simeão e vai saindo com ele, quando súbito ouve-se o grito:)*

Voz: Simeão! Simeão! O senhor Domingos morreu!

CENA 6

Simeão *(correndo, sozinho):* Morreu, morreu, eu vou ser forro! eu vou ser forro! Até que enfim eu vou ser forro! *(chegando à fazenda e vendo Florinda de luto, a chorar, ele grita e geme até ser arrancado à força do quarto mortuário)* Ah, Florinda! Que calamidade! Deus ó Deus! Não, Nãaa! meu amo e senhor! Matem-me também! *(sozinho novamente)* Será que o velho deixou testamento? Não tive coragem de perguntar. Mas, sim, claro que o velho deixou testamento. Céus, estou louco para saber o que diz. *(O genro do morto aparecendo, Simeão retoma a comédia da dor)*

Genro: Tens razão de chorar, crioulo! Teu senhor te amava muito, e não se esqueceu de ti.

Simeão (*sorçinho*) Não se esqueceu, não se esqueceu... Qual, passei a noite inteira acordado, já vi o dia raiar, o sol brilhar e ninguém me diz “és livre”. Teu senhor te amava muito, não se esqueceu de til tititi! Quero ver escrito no papel, que estou livre! Até quando vou ter de esperar?...

Genro: Simeão, já é meio-dia, venha comigo um segundo, preciso falar-te.

Simeão: Sim, senhor, aqui estou.

Genro: (*mostrando o testamento de Domingos Caetano*) Meu sogro lembrou-se de ti.

Simeão: Deus lhe pague! Foi um pai que eu perdi.

Genro: Então escuta. Como falei, meu sogro lembrou-se de ti, e em seu testamento determina: “Quanto ao meu querido Simeão, fica escravo de Angélica e a ela o recomendo com afetuosos interesse, devendo entrar no gozo de plena liberdade por morte de sua senhora.”

Simeão: (*recua, cambaleando e murmurando automaticamente*) Escravo... escravo... (*sai para o campo, falando às árvores, ao espaço:*) Escravo... escravo... escravo... (*de repente, urrando*) demônio que estás no inferno, espera-me!

CENA 7

Macedo: É medonho o desencanto de Simeão. Com a leitura do testamento, sua esperança de liberdade despedaçou-se. Ele desperta como se saísse de um sonho celeste e entrasse na vigília do inferno. Seu consolo agora é a aguardente da venda e uma idéia horrenda que o faz às vezes balbuciar, gesticulando doidamente: Liberdade... dinheiro... liberdade... dinheiro... os lábios trêmulos, como a morderem essas palavras que resumem duas fomes desesperadas. Enfim, dali a duas semanas Angélica e o genro passeiam pelo campo...

CENA 8

Angélica: Sabe quem faz 21 anos amanhã?

Genro: Não... quem?

Angélica: Simeão. Creio que ele se mostra agora mais ajuizado...

Genro: É, mas ainda sai a passeio todas as noites.

Angélica: Coitado! Serviu muito ao senhor na moléstia fatal... Eu tinha um desejo, meu filho, mas não o realizarei sem a tua aprovação.

Genro: Aprovo-o desde já: qual é ele?

Angélica: Dar liberdade a Simeão.

Genro: Liberdade a Simeão?... Sim... excelente idéia. Ele é, com perdão da senhora, um escravo desmoralizado, e aí talvez seja, por exceção ou milagre, um liberto de bons costumes.

Angélica: Aprova então?

Genro: Sem dúvida, mas devo dizer que só ele perderá com o benefício que lhe quer fazer. Perdão outra vez, mas Simeão, a meu juízo, está mal preparado para ser feliz com a liberdade, entretanto não há dúvida de que a liberdade é santa e regeneradora.

Angélica: E nós não lhe fecharemos a nossa porta: se ele quiser, e há de querer, ficará conosco.

Genro: Está entendido.

(Angélica sai de cena e entra Florinda, sorrindo)

Florinda: Oh! amanhã Simeão será liberto! Mas até amanhã, segredo! Eu quero apreciar a surpresa de Simeão.

CENA 9

Macedo: Acontece que Simeão, o escravo, não se lembra do aniversário natalício que só é festa para o homem livre, que sorri à vida, porque é livre. Não pode esperar e menos contar com a liberdade esclarecida pelo sol que surgirá amanhã. Meia-noite, os cães latem com furor quando ele descarrega o machado na cabeça de Angélica, que morre em seu leito, sem um suspiro. Florinda e o marido acorrendo em desalinho, logo morrem abraçados, os corações trespassados de um mesmo tiro de bala desfechado pelo Barbudo. A gaveta da senhora assassinada é arrombada e a caixa cheia de pequenos sacos contendo moedas de ouro e prata é saqueada. Mas aos gritos de Florinda e ao tiro que a matou e ao marido, acordou o feitor da fazenda que tocou o rebate, chamando os escravos alheios ao atentado, que acodem trazendo por armas foices e machados. Simeão, ferido no ombro, é obrigado a fugir. Esquecido do golpe que recebeu corre e mete-se pelo mato, só que tendo perdido muito sangue, cai desanimado quando procura saltar a cerca da fazenda.

Conclusão. O crime horrível não fica impune. A lei vinga as vítimas. O Barbudo e outros cúmplices acham-se na casa de correção pagando sua malvadeza. Simeão sobe à forca, estrebucha e morre debaixo dos pés do carrasco.

A lei de exceção matou o *escravo* e deixou com vida o Barbudo, tão celerado como ele, ou se é possível, mais celerado que ele.

Tudo isso é profundamente imoral e perverte a sociedade.

Simeão foi o mais ingrato e perverso dos homens.

Pois eu vos digo que Simeão, se não fosse escravo, poderia não ter sido nem ingrato nem perverso.

Há por certo alguns homens livres que são perversos. Exemplo, o Barbudo.

Essa perversidade, porém, é uma exceção no homem livre.

Porquanto, e todos o sabem, a liberdade moraliza, nobilita, e é capaz de fazer virtuoso o homem.

E a escravidão degrada, deprava, e torna o homem capaz dos mais medonhos crimes.

A lei matou Simeão na forca.

A escravidão multiplica os Simeões nas casas e fazendas onde há escravos.

Este Simeão vos horroriza?

Pois eu vos juro que a forca não o matou de uma vez; ele existe e existirá enquanto houver escravidão no Brasil.

A forca que matou Simeão é impotente, e inutilmente imoral.

Há só uma força que vos pode livrar dos escravos ingratos e perversos, dos inimigos que vos cercam em vossas casas.

É a força santa do carrasco anjo: é a civilização armando a lei que enforque para sempre a escravidão.

CENA 10

Palestrante: Acabamos de ouvir o fecho que Joaquim Manuel de Macedo apresenta no final da história de *Simeão – o crioulo*. Ora, e a moral de sua história para a nossa História, qual será? Embora saibamos que toda História, com maiúscula ou minúscula, real ou inventada, sempre comporte sentidos múltiplos, ainda assim, podemos afirmar, sem risco de incorrer em despropósito, que, a partir da publicação desse romance-líbelo em 1869, fica clara a oposição dos meios e intuítos que inspiraram nossos escritores abolicionistas a denunciarem os horrores da escravidão.

Seguindo caminhos opostos, diz Joaquim Manuel de Macedo, chega-se à reprovção profunda que deve inspirar a escravidão.

Macedo: Um desses caminhos se estende por entre as misérias tristíssimas e os incalculáveis sofrimentos

do escravo por essa vida de amarguras sem termo, de árido deserto, sem um oásis, de inferno perpétuo no mundo negro da escravidão. É o quadro do mal que o senhor, ainda sem o querer, faz ao escravo.

Palestrante: Em seu poema *O navio negreiro*, Castro Alves expõe como chaga aberta em carne viva o mal que senhores de escravos infligem ao negro escravizado, desde o momento da captura na África ao da labuta no Brasil.

Macedo: O outro caminho mostra a seu lado os vícios ignóbeis, a perversão, os ódios, os ferozes instintos do escravo, inimigo natural e rancoroso do seu senhor, os miasmas, deixem-nos dizer assim, a sífilis moral da escravidão infeccionando a casa, a fazenda, a família dos senhores e a sua raiva concentrada, mas sempre em conspiração latente atentando contra a fortuna, a vida e a honra dos seus incôscios opressores. É o quadro do mal que o escravo faz de assentado propósito ou às vezes involuntária e irrefletidamente ao senhor.

Palestrante: O romancista Joaquim Manuel de Macedo, oprando pela segunda via, mostra o mal que os escravos crioulos fazem aos mais generosos dos seus senhores. Para Castro Alves, a escravidão é negra, porque negros são os acorrentados nos po-

rões dos tumbeiros e senzalas dos algozes brancos. Para Macedo, a escravidão é negra, porque, desprezados e flagelados no trato áspero da escravidão, os crioulos, na menor oportunidade de vingança, matam cruelmente os mais humanos e complacentes dos seus amos.

O fim social que o poeta e o romancista almejam é o mesmo: trata-se de abolir a escravidão no Brasil, um dos últimos países do mundo ainda a mantê-la por então. Para Castro Alves, em *O navio negreiro*, é necessário extinguir uma infâmia que humanos praticam sobre humanos. Para Joaquim Manuel de Macedo, em *Simeão — o crioulo*, é preciso erradicar uma infâmia que transforma vítimas pobres em algozes da classe senhorial brasileira. Macedo dirige-se claramente à elite brasileira escravocrata e, portanto, fala ao interesse de um grupo. Aos senhores de escravos, ele diz bem claro:

Macedo: Não vos iludais, não vos deixeis iludir, preparai-vos: a emancipação dos escravos há de realizar-se dentro de poucos anos. Não se extirpa um cancro sem dor.

Está escrito. É do interesse do proprietário de escravos auxiliar o Estado na obra imensa e escabrosa da emancipação, para que ela, que é infalível, se efetue com a menor soma possível de sacrifícios.

Preparai-vos, senhores, o perigo negro vos ronda. Os condenados d'aquém-berço, os condenados sem crime, tendo vida e não vivendo para si, contra vós se voltarão.

Palestrante: Os senhores para quem Macedo escreve são os proprietários de escravos, “barões do café” do Segundo Império em particular. A mensagem que lhes dirige é simples: se quiserdes sobreviver e preservar vossas safras, acabai com a escravidão.

Já “o senhor” que Castro Alves invoca é de natureza diversa. É o Senhor Deus dos desgraçados, ente maior que não é sequer só fazendeiro ou brasileiro. Senhor supremo, pai, aliás, de quantos senhores de escravos há no Planeta. O apelo do poeta convoca todo e qualquer sentimento humano porventura disseminado no mundo. A escravidão deve ser abolida porque envergonha a humanidade. Não fere apenas interesses de grupos. Fere dignidade e direitos básicos do ser pensante. Nesse sentido, e para falarmos em termos atuais, o gesto libertário que Macedo empreende ao escrever *Simeão – o crioulo* é comprometido com a classe dominante de sua época, ao passo que o grito abolicionista de Castro Alves, em *O navio negreiro*, ultrapassa barreiras locais para, em clamor globalizado, implorar piedade ao criador de céus e terras.

Castro Alves:

*E existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?...
 Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto...*

*Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra,
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu, que da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança,
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...*

*Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu na vaga,
 Como um íris no pélago profundo!...
 ...Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
 Andrada! arranca este pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta de teus mares!*

Palestrante: O quadro é negro, que os fracos re-
cuem cheios de horror.

Macedo: Ninguém se iluda, ninguém se deixe ilu-
dir.

Sobre Castro Alves e Joaquim Manuel de Macedo frente à escravidão no Brasil, são fundamentais:

GOMES, Eugênio. *Obra completa de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.

MACEDO, Joaquim Manuel. *As vítimas-algozes, quadros da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Scipione, 1988.

Sobre a escravidão no Brasil:

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1977.

VILLA, Marco Antônio. *Do cativo à liberdade*. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 2000.